

MATERNIDADE ROMANTIZADA: EXPECTATIVAS E CONSEQUÊNCIAS DO PAPEL SOCIAL ESPERADO DE MÃE

Tamires Alves Dias¹, Stéffane Costa Mendes², Samara Calixto Gomes³

Resumo: Trata-se de um estudo de natureza do tipo exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, que utilizará uma investigação em campo com o objetivo de analisar os discursos de puérperas usuárias da rede pública de saúde, quanto as principais consequências da romantização na vivência da maternidade. A população do estudo foi constituída por puérperas usuárias da AB na rede pública de saúde do município de Iguatu-CE. Historicamente, a sociedade apresenta um panorama distorcido e utópico sobre a maternidade, difundindo uma visão romantizada sobre o papel de ser mãe que não se sustenta a realidade. Esse fato, pode favorecer o aparecimento da culpabilização, além de sentimentos como ansiedade, incertezas, medo, depressão pós-parto ou baby blues, podendo implicar na capacidade diminuída para o autocuidado e para o cuidado com os filhos. Diante dos desafios, é essencial que os profissionais de saúde, em especial, o enfermeiro/a, vise a relevância da desconstrução da maternidade romantizada, dado que estes, constroem vínculos e estabelece uma maior relação com os demais profissionais, podendo viabilizar a efetivação de uma assistência de qualidade.

Palavras-chave: Saúde da mulher. Puerpério. Maternidade. Desigualdades de gênero. Papéis sociais.

1. Introdução

Historicamente, o "ser mulher" está relacionado aos papéis que a sociedade exige serem cumpridos na maternidade e em todos os processos decorrentes da gestação, parto e puerpério. Sob essa perspectiva, a maternidade é apresentada como uma das grandes características da mulher e que de certa forma, relaciona-se com a própria feminilidade (AZEVEDO, 2017; GEORGES; CESIDIO, 2017).

A existência de desigualdades de gênero muitas vezes é consequência da cultura machista e patriarcal que ainda está enraizada na sociedade, atribuindo a mulher o papel de principal responsável pelos filhos e afazeres domésticos. Essa perspectiva equivocada de divisão de papéis faz muitas vezes com que as mulheres vivenciem uma sobrecarga, o que pode gerar uma gama de sentimentos, como angústia, tristeza, desamparo, frustração, entre outros (LA CRUZ; UZIEL, 2014; CARNEIRO, 2017).

Esse papel imposto de perfil materno perfeito, faz com que muitas mulheres sofram um processo de culpabilização, caso não consigam alcançar as expectativas criadas. Esses fatores podem resultar em danos psicológicos e estressores, além de tornarem-se propulsores para tristeza materna, depressão

1 Universidade Regional do Cariri - URCA. E-mail: tamirees.alves@urca.br

2 Universidade Regional do Cariri - URCA. E-mail: steffaneecostam@gmail.com

3 Universidade Regional do Cariri - URCA. E-mail: samara.gomes@urca.br

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



pós-parto, baby blues, crises de ansiedades e problemas decorrentes vivenciados durante a maternidade (RODRIGUES; SCHIAVO, 2016).

Ressalta-se, que muitas mulheres não têm oportunidade de receberem orientação e escuta adequada sobre suas dúvidas e anseios oriundos da pressão social e romantização da maternidade. Diante disso, o estudo proporciona relevância para o meio acadêmico, bem como, para a saúde pública, em específica na área da mulher e sociedade em geral, no sentido de apresentar o conhecimento e dificuldades de mulheres que vislumbram uma maternidade romantizada, sob influência de expectativas socioculturais.

2. Objetivo

- Identificar as principais consequências da romantização na vivência da maternidade.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo de natureza do tipo exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, que utilizará uma investigação em campo com o objetivo de analisar os discursos de puérperas usuárias da rede pública de saúde, quanto as principais consequências da romantização na vivência do processo da maternidade.

Este estudo terá como cenário para a coleta de dados, a cidade de Iguatu, localizada na região Centro-Sul do Estado do Ceará. A escolha do cenário justificase por a cidade constitui-se de 31 equipes de Estratégias Saúde da Família (ESF), sendo 18 equipes na zona urbana e 13 equipes na zona rural. Compondo assim, amplo acesso as puérperas usuárias da Atenção Básica (AB) na rede pública de saúde (IGUATU, 2018).

A população do estudo foi constituída por puérperas usuárias da AB na rede pública de saúde do município. A busca das participantes aconteceu através de revisão de prontuário junto ao profissional de enfermagem e/ou os ACS (Agentes Comunitários de Saúde) para identificação daquelas que obedeciam aos critérios de inclusão do estudo e coleta do contato telefônico das mesmas. A amostra foi composta por aquelas que concordaram em participar mediante explicação do objetivo da pesquisa, seu caráter confidencial e voluntário, dentre outras informações incluídas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Fizeram parte dos critérios de inclusão: puérperas, maiores de 18 anos, que se encontrem até 60 dias após o parto, usuárias do aplicativo *WhatsApp*, residentes na cidade em questão e que realizaram, no mínimo seis consultas de pré-natal no município. Foram excluídas aquelas mulheres que realizaram menos de seis consultas de pré-natal, que realizaram em outras localidades e/ou estejam com mais de 2 meses de pós-parto.

Para a coleta de dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada, contendo um roteiro de perguntas previamente elaboradas e pautadas diante da temática escolhida para o desenvolvimento da pesquisa em questão. Foi utilizada uma linguagem simples e objetiva, visando uma melhor compreensão por parte das entrevistadas. Em virtude a pandemia do COVID-19 (Sars-Cov-2) instalada no

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



início do primeiro semestre de 2020, algumas medidas de biossegurança foram utilizadas para minimizar os riscos de transmissão. Para isso, optou-se por realizar as entrevistas com as participantes via remota (*on-line*) por intermédio do aplicativo de mensagens o *WhatsApp*, a escolha do mesmo se deu por sua ampla adesão e fácil manuseio.

A pesquisa foi submetida à Escola de Saúde Pública de Iguatu (ESPI), na qual obteve autorização para sua realização no município, mediante o Termo de Anuência. Posteriormente, foi cadastrada na Plataforma Brasil e encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri (URCA).

4. Resultados

Historicamente, a sociedade apresenta um panorama distorcido e utópico sobre a maternidade, difundindo uma visão romantizada sobre o papel de ser mãe que não se sustenta a realidade. Essas representações produziram a perspectiva de que a maternidade é o caminho da plenitude e realização da feminilidade, conferindo-se dessa forma, uma culpabilização às mães que fujam a essa regra. Desse modo, quando uma mulher discute sobre a escolha de não exercer a maternidade, passa a assumir um lugar de negação à constituição da sua identidade feminina (MENDES; GARCIA, 2017; AZEVEDO, 2017).

Pinho (2015) destaca, que a lógica da maternidade ser uma prática instintiva, simples e linear pode repercutir em uma experiência menos satisfatória e prazerosa para a mulher. Por desconhecimento dos desafios que serão enfrentados, muitas mães se culpabilizam e desenvolvem sentimentos como frustração, ao perceber que a realidade não envolve apenas amor e carinho.

A mídia e sociedade contribuem na difusão dessa imagem romantizada, ao retratar expectativas que nem todas as mulheres conseguem atingir. Esse fato, pode desencadear em momentos de sofrimento, pois na maioria das vezes as mães criam uma visão de maternidade perfeita que se torna inalcançável (SALES; CASTANHA; ALÉSSIO, 2014).

Os obstáculos enfrentados pelas mulheres resultam em um disparador para uma série de sentimentos como insegurança, medo, culpa, entre outros. Ressalta-se, que até o aparecimento de intercorrências gestacionais, as próprias dores no trabalho do parto, recuperação e a exaustão, podem mobilizar sentimentos negativos citados anteriormente, favorecendo o aparecimento da culpabilização (CARVALHO; SCHIAVON; SACCO, 2018).

Sentimentos como ansiedade, incertezas, além do medo pelo aumento da responsabilidade frente à vinda da criança podem emergir. Esses fatores emocionais desencadeados pela maternidade, podem despertar a depressão pós-parto ou *baby blues*, conhecido também como tristeza pós-parto ou melancolia da maternidade, esse distúrbio pode ser caracterizado pela alteração de humor das puérperas entre o terceiro e o quinto dia após o parto, mas que geralmente, some com o tempo. Contudo, outras mulheres podem apresentar quadros depressivos mais graves, podendo implicar na capacidade diminuída para o autocuidado e para o cuidado com os filhos (KROB *et al.*, 2016; JORENTI, 2018).

Segundo Azevedo (2017), a mulher por vezes vivencia a maternidade em consequência das influências externas depositadas sobre ela. A sociedade rotula

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



a idade, o estado civil, orientação sexual e a situação financeira em que as mulheres devem começar a reproduzir e vincula alguns comportamentos ou falta deles com um suposto instinto materno.

Levando-se em conta tal fato, a reação inicial de cada mulher ao descobrir que será mãe dependerá do momento de vida pelo qual esteja passando, o desejo ou não de engravidar, se a gravidez foi ou não planejada. E sob qualquer destas circunstâncias, ela (mulher/gestante) necessitará do apoio e suporte das pessoas mais significantes da sua vida, bem como da atenção e atuação da equipe de saúde que participará de todo o percurso (MORAES, 2016).

Grisci (2015) salienta, que a escolha de se tornar mãe depende de uma decisão pessoal, entretanto, é influenciada por inúmeros fatores, tais como, o contexto social, as condições da mãe, sendo estas financeiras ou emocionais, a satisfação da própria mulher com a maternidade e sobretudo, o seu estado de saúde e mecanismos de apoio com que ela poderá contar.

Desse modo, a decisão de torna-se mãe exige uma série de renúncias pessoais, tornando-se um compromisso a longo prazo. Com base nessas ambivalências, atualmente, as mulheres assumem uma posição bastante reflexiva diante da maternidade. Com o fácil acesso aos métodos contraceptivos, bem como com o incremento acelerado das tecnologias reprodutivas, observa-se que as gestações têm sido cada vez mais planejadas e colocadas em segundo plano (MENDES; GARCIA, 2017).

Entretanto, Moraes (2016) enfatiza que os fatores negativos podem ser minimizados através de uma atenção acolhedora e esclarecedora dos profissionais que acompanham a mulher durante as consultas de planejamento familiar ou no pré-natal. A abertura de espaços para encontros voltados as mulheres e seus familiares, favorece os esclarecimentos das dúvidas, desmistificação de tabus ou perspectivas históricas e patriarcais, refletindo diretamente no resgate da autoconfiança, autonomia e autoestima.

Vale ainda ressaltar, que essa imagem romantizada sobre a maternidade dificulta a forma como as mulheres vão agir, pensar e perceber as prováveis ambivalências que o momento proporciona. Tornando-se clara a necessidade de uma reflexão e desconstrução desse caráter utópico e arraigado (CARVALHO; SCHIAVON; SACCO, 2018).

5. Conclusão

É notório perceber que as transformações ocorridas nas últimas décadas influenciaram o papel e a posição da mulher na sociedade, que vem ganhando espaço e buscando uma flexibilização do padrão rígido e determinista cultuado socialmente. No entanto, os diversos discursos romantizados continuam impondo o papel de "mãe perfeita", não dando visibilidade para prováveis ambivalências e obstáculos que a maternidade proporciona, por esse motivo, muitas mulheres desenvolvem sentimentos como insegurança, medo, culpa, depressão pós-parto, entre outros problemas.

Diante dos desafios expostos, é essencial que os profissionais de saúde, em especial, o enfermeiro/a, vise a relevância da desconstrução da maternidade romantizada, dado que estes, constroem vínculos e estabelece uma maior relação

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



com os demais profissionais, podendo viabilizar a efetivação de uma assistência de qualidade. O papel do enfermeiro/a, deve ser pautado no Processo de Enfermagem (PE) e na promoção da saúde, sendo a base para a melhoria da qualidade da assistência pré-natal, como estratégia para fortalecimento desse período vivenciado pela mulher e seus familiares.

6. Referências

- AZEVEDO, R. A. "Amo meu filho, mas odeio ser mãe" Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea. **Instituto de Psicologia**, 2017.
- CARNEIRO, L. F. O papel social das mulheres. **Revista Mais**, Betim – MG, Set, 2017.
- CARVALHO, J. P.; SCHIAVON, A. A.; SACCO, A. M. A romantização da maternidade: uma forma de opressão de gênero. **Realize Editora**, 2018.
- GEORGES; D. B. J. B.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, 2017.
- GRISCI, C. L. I. Mãe/Mulher. Brasília, **Revista Psicol. Cienc.**, v.15, n.1, 2015.
- IGUATU. Secretaria Municipal de Saúde. **Plano municipal de saúde**. Iguatu, 2018.
- JORENTI, B. E. Criação de manual de orientações para mulheres no puerpério imediato. 2018. 52f. Tese (Monografia). **Faculdade de Americana - FAM**. [s.n.], 2018.
- KROB, A. D. *et al.* Depressão na gestação e no pós-parto e a responsividade materna nesse contexto. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 3-16, set./dez., 2017.
- LA CRUZ, A. M. A.; UZIEL, A. P. Transformações sociais e culturais da família: considerações iniciais a partir de um caso. **Conexões PSI**, v. 2, n. 1, p. 57-83, 2014.
- MENDES, A. P.; GARCIA, C. C. Labirinto de cristal: mulheres, carreira e maternidade uma conciliação possível? **Prog. de Estudos Pós-Graduados em Psicologia**, São Paulo, 2017.
- MORAES, L. F. Representação social da gravidez em mulheres primigestas. **Monografias Brasil Esc.**, 2016.
- PINHO, S. M. A. Dificuldades na amamentação no primeiro mês de vida: impacto do contexto da amamentação e dos contextos de vida. **Instituto Politécnico de Viseu**, 2015.
- RODRIGUES, O. M. P. R.; SCHIAVO, R. A. Stress na gestação e no puerpério: uma correlação com a depressão pós-parto. **Revista Bras. Ginecol. Obstet.**, v. 33, n. 9, 2016.
- SALES C.; CASTANHA A.; ALÉSSIO R. Aleitamento materno: representações sociais de mães. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v. 69, n. 1, p. 184-199, 2014.